

# Setor O faz 12 anos e pede segurança

Valesca Riviéri

Da equipe do Correio

A moradora Doralice Ataíde Suarte, 43 anos, fez história no início da criação da Expansão do Setor O. Ela e os médicos do Hospital Regional da Ceilândia (HRC) descobriram durante o parto normal que na verdade iriam nascer três bebês. A simplicidade da Expansão e a carência da mãe mobilizou a população do Distrito Federal depois que o Correio Braziliense fez uma matéria em julho de 1987.

Dez anos se passaram, o barraco de madeirite e chão batido da QNO 18 deu espaço a uma casa de alvenaria e a poeira da rua foi escondida pelo asfalto. Os gêmeos Márcio e Marcelo, filhos de Doralice, estudam em uma das cinco escolas públicas da Expansão; Mariele, a menina, não resistiu e morreu 15 dias após o nascimento.

Peelas estimativas da Companhia do Desenvolvimento do Planalto Central (Codeplan), a Expansão, que compreende as quadras 16 a 20, tem 36 mil habitantes. No dia dez de dezembro de 1985 foram entregues

5.535 lotes para a população que morava nos fundos de quintais em setores da cidade. Os pré-requisitos eram ter uma renda familiar inferior a dois salários mínimos e um número grande de filhos.

Ao contrário dos assentamentos recentes como Samambaia e Recanto das Emas, os moradores da Expansão tiveram o privilégio de receber os lotes com água encanada, luz e esgoto. "Em vários lotes de Ceilândia moravam 12 famílias", recorda o líder comunitário Viridiano Custódia de Brito.

Doze anos depois, o asfalto só chegou para as ruas principais. Apesar da queixa número um dos moradores do local ser a violência, eles reclamam que muitas vias secundárias também faltam ser asfaltadas. A Expansão só tem um posto de saúde para atendimento infantil. Os moradores já contam com o programa Saúde em Casa e serão contemplado no ano que vem com a construção de um Centro de Saúde.

Doralice era uma das candidatas ao lote que moravam de aluguel. Ela acredita que a população da Expansão do setor O tem o que comemo-

rar. "Se não fosse os marginais, aqui era (sic) bom porque tem asfalto, escola, ônibus perto de casa. O comércio é bom a gente não precisa comprar fora", enumera as qualidades.

Apesar de ter consciência que a marginalidade do local é exagerada, a diarista fica chateada com o preconceito. "A gente vai no centro e fica com vergonha porque o povo fala que aqui é lugar de matador", queixa-se. Para Viridiano, o maior problema do setor é o desemprego e a falta de lazer, principalmente para os adolescentes.

## COMÉRCIO

A característica bairrista do setor e a localização destacada das quadras favoreceu o fortalecimento do comércio, que é mais forte do que no Setor O. Em cada uma das quadras tem pelo menos um mercado grande e quatro mercadinhos. O gerente de um dos verdurões do local, Gilson Francisco Almeida, 43 anos, explica tanto sucesso. "É porque aqui a população trabalha muito na construção civil e recebe semanalmente. A maioria não tem carro e fica difícil comprar fora."



Moradores do Setor O só reclamam da violência do local que foi entregue pronto